



Submetido:30/7/2024; Avaliado: 15/9/24; Revisado:15/4/2025;Aceito: 30/4/2025;Publicado:8/5/2025.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO AGRESTE
ALAGOANO: EXPLORANDO A DIVERSIDADE CULTURAL

TEACHER TRAINING AND UNIVERSITY EXTENSION IN THE ALAGOAS
HINTERLAND: EXPLORING CULTURAL DIVERSITY

FORMACIÓN DOCENTE Y EXTENSIÓN UNIVERSITARIA EN LAS ZONAS
RURALES DE ALAGOAS: EXPLORANDO LA DIVERSIDAD CULTURAL

ODS¹ a que a temática está vinculada: *Educação de Qualidade e Igualdade de Gênero.*

Isabelle Santos ²

Mirele Cardozo dos Santos ³

Maria Betânia Gomes da Silva Brito ⁴

Resumo: As ações curriculares de extensão universitária extrapolam as salas de aula. São processos que buscam compartilhar conhecimento e experiências para além dos muros da universidade. Essa troca de experiências tem sido fundamental para ampliar o alcance das vivências promovidas em permanente diálogo com a comunidade externa. No curso de Pedagogia da UFAL, campus Arapiraca/AL, essa diversidade de abordagens e práticas tem sido um desafio constante para todos os envolvidos. Assim, o objetivo do artigo é apresentar os resultados de uma Ação Curricular de Extensão (ACE) que explorou a diversidade cultural na formação de pedagogos e pedagogas. O percurso metodológico envolveu leituras, filmes e atividades com foco na diversidade cultural e étnico racial, gênero e inclusão. A proposta incluiu interações com alunos do ensino fundamental e seus professores. E com base em leituras pedagógicas que fundamentam uma abordagem pedagógica decolonial, a partir de práticas afrocentradas, sedimentada também na pedagogia histórico-crítica.

Palavras-chave: Diversidade cultural. Currículo afrocentrado. Pedagogia decolonial. Educação. Extensão

Abstract: University extension curricular actions go beyond the classroom; they are processes that seek to share knowledge and experiences beyond the university walls. This exchange of experiences has been

¹ Este trabalho vincula-se a 2 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável(ODS)

² Universidade Federal de Alagoas/BRASIL.Graduação em Pedagogia.

³ Universidade Federal de Alagoas/BRASIL.Graduação em Pedagogia.

⁴ Docente de graduação no curso de Pedagogia /UFAL. Doutora em Educação/CEDU/UFAL.

fundamental to expanding the reach of the experiences promoted in permanent dialogue with the external community. In the Pedagogy course at UFAL in Arapiraca/AL, this diversity of approaches and practices has been a constant challenge for everyone involved. Thus, the objective of this article is to present the results of an Extension Curricular Action (ACE) that explored cultural diversity in the training of pedagogues. The methodological path involved readings, films and activities focusing on cultural and ethnic-racial diversity, gender and inclusion. The proposal included interactions with elementary school students and their teachers. Based on pedagogical readings that support a decolonial pedagogical approach from Afro-centered practices and based on historical-critical pedagogy.

Keywords: Cultural diversity. Afrocentric curriculum. Decolonial pedagogy. Education. Extension

Resumen: Las acciones curriculares de extensión universitaria van más allá del aula, son procesos que buscan compartir conocimientos y experiencias más allá de los muros de la universidad. Este intercambio de experiencias ha sido fundamental para ampliar el alcance de las experiencias promovidas en diálogo permanente con la comunidad externa. En el curso de Pedagogía de la UFAL en Arapiraca/AL, esta diversidad de enfoques y prácticas ha sido un desafío constante para todos los involucrados. Así, el objetivo del artículo es presentar los resultados de una Acción de Extensión Curricular (ACE) que exploró la diversidad cultural en la formación de pedagogos. El recorrido metodológico implicó lecturas, películas y actividades centradas en la diversidad cultural y étnico-racial, el género y la inclusión. La propuesta incluyó interacciones con estudiantes de primaria y sus profesores. A partir de lecturas pedagógicas que sustentan un enfoque pedagógico decolonial sustentado en prácticas afrocéntricas y fundamentados en una pedagogía histórico-crítica.

Palabras clave: Diversidad cultural. Currículum centrado en lo afro. Pedagogía decolonial. Educación. Extensión

INTRODUÇÃO

Ações curriculares de extensão nos cursos universitários são atividades que vão além das salas de aula e buscam mobilizar uma integração entre universidade e comunidade. É o momento em que a universidade se coloca em permanente diálogo com a comunidade externa. Essas atividades têm o objetivo de colocar em evidência aspectos da aprendizagem que os estudantes desenvolvem ao longo da formação, impactando nos problemas reais e contribuindo para o desenvolvimento da sociedade (BRASIL, 2001; SANTOS et. al, 2013; UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2016).

Dentro do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, a Ação Curricular de Extensão (ACE) tem sido um importante espaço de comunicação e diálogo com a comunidade externa o que nos permite explorar conceitos fundamentais a formação de professores numa perspectiva crítica, histórica, multicultural e integrada com as demandas reais do povo do agreste alagoano. Ao longo da ACE 2A e 2B que acontecem no 6º e 7º períodos. Após os primeiros encontros de

estudo, nos foi possível aprofundar o conceito de diversidade cultural quando estávamos planejando a nossa intervenção com uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA), momento no qual pretendíamos compartilhar obras e artistas de diferentes origens e diferentes abordagens com pessoas que não tiveram acesso ao conhecimento sistematizado durante as vivências que construíram ao longo de suas vidas. O conhecimento sobre esse conceito também permitiu aos estudantes matriculados na ACE ampliarem o olhar para além da sua visão individual sobre o que é arte e cultura.

Ao considerar a importância da diversidade cultural na vida de estudantes das escolas públicas, e na formação de crianças, adolescentes, jovens e adultos que frequentam a escola pública no agreste alagoano, é possível perceber o quanto esse aspecto pode contemplar as diferenças culturais existentes no mundo em que vivemos e contribuir de forma significativa para potencializar experiências que tragam oportunidades de fortalecer uma abordagem pedagógica decolonial como apresenta Silva (2022), quando diz:

O conceito de pedagogia decolonial tem sido bastante estudado e utilizado nos últimos anos, sobretudo por pesquisadores latino-americanos, em cuja produção essa ideia parece ter se desenvolvido em mais larga escala e profundidade. Surgido a partir da dicotomia conceitual colonialidade/descolonialidade, marco de uma virada epistêmica que surge como resultado do processo de colonização moderno, a pedagogia decolonial diz respeito, como lembram Catherine Walsh, Luiz Oliveira e Vera Candau (2018), a uma intervenção política e pedagógica que resulta de um trabalho de politização da ação pedagógica [...] (SILVA, 2022, p. 3).

Focados em organizar uma atividade pedagógica que incluía elementos da diversidade cultural na prática pedagógica que iríamos desenvolver, elaboramos algumas atividades que pudessem ser desenvolvidas com turmas matriculadas na EJA, com intuito de trabalhar a temática "Explorando a Diversidade Cultural" buscando introduzir os estudantes em uma experiência capaz de abordar a importância da diversidade cultural no cotidiano da escola pública.

Consideramos que a diversidade cultural é um conceito construído ao longo da história da humanidade, sobretudo, por uma necessidade de construir memórias étnicas, como nos diz Munanga (1986), a discussão surge da necessidade de um combate a supressão das identidades étnicas dos povos latino americanos e segundo ele: "é através

da educação que a herança social de um povo é legada às gerações futuras e inscritas na história”. (MUNANGA, 1986, p. 23).

Assim, a identidade é um processo social que se alimenta de memória, e construir uma memória positiva é o passo inicial para que se estabeleçam as relações identitárias, assimilar os valores culturais antes negados e desconstruídos e então tomar consciência de si diante do mundo. Nesse sentido, a identidade é um fundamento importante para que os alunos compreendam e valorizem essa riqueza que existe na cultura de cada comunidade, de cada município e de cada região. Conforme Freire (1987, p. 35), “trabalhar com a diversidade é o natural, uma vez que as diferenças existem e não devem ser negadas dentro da dinâmica educativa”.

Nesse sentido, a proposta que construímos e sobre a qual vamos refletir ao longo desse trabalho, traz como eixo central uma pedagogia decolonial, e abre espaço para aspectos da diversidade cultural e artística numa perspectiva afrocentrada.

FUNDAMENTOS DA PESQUISA: CONCEITUANDO DIVERSIDADE CULTURAL

A diversidade cultural é um conceito essencial para melhor compreendermos a complexidade e a riqueza das sociedades contemporâneas. Segundo Milton Santos (2000), geógrafo brasileiro, a diversidade cultural refere-se à multiplicidade de formas de expressão, valores, crenças e costumes que permeiam as diferentes comunidades ao redor do mundo. Nesse sentido, a diversidade cultural não se restringe apenas às diferenças étnicas ou linguísticas, mas engloba também as variadas manifestações artísticas, religiosas, culturais e sociais presentes em cada grupo humano.

É importante ressaltar que a diversidade cultural não deve ser encarada como um empecilho à construção social, mas sim como um patrimônio a ser valorizado e preservado. Nesse contexto, a diversidade cultural pode contribuir para o enriquecimento das relações sociais e para o fortalecimento do respeito mútuo entre os diferentes grupos, promovendo a construção de uma sociedade mais inclusiva e plural.

Contudo, é preciso estar atento aos desafios e dilemas que acompanham a diversidade cultural, especialmente em um contexto globalizado. Para Renato Ortiz (1994), antropólogo brasileiro, a homogeneização cultural promovida pelo avanço das

tecnologias de comunicação e pela hegemonia do mercado pode ameaçar a preservação das identidades culturais locais. Dessa forma, é fundamental promover políticas públicas que garantam o respeito à diversidade cultural, incentivando a valorização das tradições e o diálogo intercultural.

Além disso, a diversidade cultural está intrinsecamente ligada aos direitos humanos, conforme destacado por Boaventura de Sousa Santos (2013), sociólogo português. A garantia do direito à livre expressão cultural e à participação nas decisões que afetam as comunidades é essencial para a promoção da justiça social e para o combate à discriminação e ao preconceito. Assim, a diversidade cultural não é apenas uma questão cultural, mas também política e ética, que demanda o reconhecimento e a proteção dos direitos de todos os grupos sociais.

Desse modo, a diversidade cultural é um fenômeno intrínseco à condição humana, que enriquece as sociedades e amplia as possibilidades de convivência pacífica e colaborativa entre os diferentes povos. Portanto, é imprescindível que o Estado brasileiro, as instituições e os indivíduos atuem de forma ativa na promoção do respeito, da valorização e da preservação da diversidade cultural, como forma de construir um mundo mais justo, igualitário e harmonioso.

PERCURSO METODOLÓGICO

Do ponto de vista metodológico, esta proposta se baseia em uma investigação de natureza qualitativa, considerando que “A pesquisa qualitativa não visa à quantificação, mas sim ao direcionamento para o desenvolvimento de estudos que buscam respostas que possibilitam entender, descrever e interpretar fatos. Ela permite ao pesquisador manter contato direto e interativo com o objeto de estudo” (Proetti, 2018, p.2).

Nessa perspectiva o trabalho desenvolvido com a escola parte de uma premissa fundamental, que é a importância de dialogar com temáticas ligadas a questões de gênero, diversidade e inclusão, por entender que são fundamentais para que possamos inserir no currículo da escola pública temas voltados para uma formação afrocentrada como princípio norteador do planejamento escolar. Conforme afirma Silva (2022, p. 10):

ÁREA TEMÁTICA DE EXTENSÃO: EDUCAÇÃO

A defesa do princípio da Afrocentricidade nos currículos escolares passa, ao contrário, pelo reconhecimento da diversidade, que deveria ser a base conceitual, mas também empírica, da realidade educacional brasileira, em especial em uma realidade que tem na cultura um de seus conceitos rizomáticos. Sem ser uma panaceia para todos os males da educação – simbólicos e/ou reais, representados e/ou concretizados nos discursos pedagógicos –, o princípio da Afrocentricidade afirma-se como um movimento em direção à transformação do real, sobretudo em épocas de globalização excludente, de espetacularização do cotidiano e de aviltamento da ética.

Envolver a escola em uma discussão para além do que está posto formalmente na lei 10.639/2003 é um desafio, sobretudo porque demanda uma abordagem pedagógica que rompe com práticas focadas em um currículo tradicional. Diante desse desafio o percurso da atividade que desenvolvemos deu-se de maneira planejada e articulada com a necessidade apresentada pela escola.

Em um primeiro momento realizamos as leituras necessárias para compreender aspectos inerentes a uma proposta de trabalho que considere a possibilidade de trabalhar dentro de uma abordagem decolonial. Nessa perspectiva selecionamos textos que se adequassem à proposta de trabalho que estávamos querendo elaborar, a partir da escola selecionada e da temática que iríamos abordar e do público alvo.

Nesse sentido, a proposta desenvolvida durante as atividades propostas na ACE 2A, trouxe uma abordagem pedagógica fundada na perspectiva antirracista e se movimentou com base na pedagogia decolonial que não está focada no modo de abordagem tradicional do professor ao adotar uma postura alienante onde o conteúdo trazido e a forma de repassar conduz a uma perspectiva controladora e alheia as realidades vividas pelos estudantes e demais membros da comunidade escolar.

Nessa perspectiva, ao desenvolver um trabalho com esse propósito é necessário que haja uma ruptura com o currículo tradicional e se organize um currículo que busque as necessidades trazidas pelos estudantes, priorizando o diálogo e fazendo o enfrentamento dos preconceitos criados ao longo do processo histórico vivido. Um currículo onde a nossa origem enquanto povo que foi colonizado pelos europeus exploradores seja repensada e discutida, com foco em nossa origem numa perspectiva dialógica como defende Paulo Freire em “Pedagogia da Autonomia”, a partir da valorização das culturas historicamente silenciadas.

Em um segundo momento também fomos conduzidos a apreciar filmes, biografias e literaturas infantis que trouxessem em seu escopo abordagens de gênero, diversidade étnico-racial e inclusão, eixos centrais da ACE 2A e 2B. Após essa seleção e manuseio dos materiais trazidos durante as aulas da ACE 2A, foi possível ler textos biográficos sobre Frida Kahlo, assistir a biografia da artista e produzir materiais pedagógicos a partir das leituras e reflexões que fizemos sobre a artista; também vimos o filme da primeira mulher transexual trazida para o cinema, sob o tema “A garota dinamarquesa”, e fizemos a leitura da biografia e elaboramos alguns resumos.

Em um terceiro momento lemos alguns livros voltados para o público infantil numa perspectiva afrocentrada, como: “Bruna e a galinha da Angola” de Gercilga de Almeida (2000); “Que cor é a minha cor?” de Martha Rodrigues (2006); “Me crespo é de rainha” de bell hooks (2018) e “Pretinha de Neve e os sete gigantes” de Rubem Filho (2013).

Os temas dos livros de literatura infantil voltado para a diversidade sexual foram "Pipo e Fifi: Prevenção de Violência Sexual na Infância" (2013), escrito por Caroline Arcari, é um livro infantil que aborda de maneira delicada e informativa a importância da prevenção da violência sexual na vida das crianças. O outro livro foi "Cachinhos de Urso", é uma reinterpretação contemporânea e inclusiva do clássico conto de fadas "Cachinhos Dourados e os Três Ursos". Esta versão foi escrita por Stéphane Servant e ilustrada por Laetitia Le Saux (2015).

Considerando que na continuação da ACE 2B a turma desenvolveria as intervenções nas escolas ou em espaços não escolares que fossem favoráveis a aplicação das práticas pedagógicas que estávamos elaborando, a orientação era que os temas dos projetos deveriam ser voltados para os três eixos centrais da ACE, mas ficamos livres para escolher o público alvo.

Assim, ao longo do processo formativo compreendemos que as obras literárias podem oferecer oportunidades valiosas para crianças, jovens e adultos. Convém destacar que a utilização de livros e/ou materiais didáticos afrocentrados potencializam a auto valorização da estética negra, sobretudo, da história dos povos africanos e da

diáspora. São narrativas cheias de empoderamento negro a partir do enaltecimento das características físicas herdadas de seus ancestrais.

Ao explorar questões de sexualidade, gênero e diversidade étnico-racial compreendemos a importância do respeito às diferenças desde cedo, os livros e/ou materiais didáticos podem auxiliar professores e professoras no desenvolvimento de abordagens educacionais que promovam discussões significativas, estimulem o pensamento crítico e incentive o respeito à diversidade, preparando os sujeitos para uma compreensão mais ampla e inclusiva do mundo ao seu redor.

Ao finalizarmos a ACE 2A, fomos orientados a iniciar a elaboração da proposta de intervenção para trabalhar com os eixos trazidos ao longo das discussões que eram: gênero, diversidade étnico-racial e inclusão. O projeto deveria conter os seguintes tópicos: título, apresentação, introdução, objetivos, metodologia, materiais pedagógicos, fundamentação teórica, resultados esperados, avaliação e referências. A proposta poderia ser elaborada em dupla ou trio. Foi o trabalho final do componente curricular.

No retorno do 2º semestre 2023.2, iniciamos a ACE 2B já no final do ano letivo, mês de novembro, e assim que voltamos com as aulas havia uma impossibilidade de irmos até a escola para realizar a atividade que tínhamos planejado e elaborado. Assim, foi necessário flexibilizar o planejamento inicial já que não iríamos trabalhar com as turmas de EJA conforme havíamos pensado durante o planejamento inicial. Agora nosso público alvo eram crianças do 2º ano e adolescentes do 8º ano do ensino fundamental.

Compreendendo os desafios da relação entre universidade e sociedade foi realizado um movimento para trazer até a universidade as crianças e adolescentes das duas escolas públicas selecionadas juntamente com seus respectivos professores com o objetivo de compartilhar suas práticas conosco, e também participar das atividades que elaboramos e adaptamos para serem desenvolvidas durante a atividade que aconteceu no auditório do Campus de Arapiraca – UFAL.

A atividade foi organizada na perspectiva de uma abordagem curricular afrocentrada, com base em uma pedagogia decolonial que está centrada na construção da identidade cultural de um grupo. As escolas escolhidas foram selecionadas com base

nos seguintes critérios: desenvolver um trabalho voltado para formação humana numa perspectiva afrocentrada; os professores das turmas deveriam contribuir com o planejamento das atividades e apresentar resultados que demonstrassem um planejamento anual focado em temas relacionados às práticas antirracistas na escola.

Passamos algumas semanas elaborando todas as atividades que iríamos realizar com as turmas convidadas, desde a confecção das bonecas abayomi, o lanche com ingredientes oriundos da culinária afro-brasileira, a sistematização dos provérbios africanos, e a confecção dos cartões com mensagens de boas-vindas para entregar as crianças e adolescentes, tudo produzido por nós estagiárias, orientadas pela professora da ACE, com a participação e colaboração das professoras da escola.

O trabalho foi desenvolvido de maneira articulada e integrada, planejamos uma manhã de atividade com o tema: “Socializando práticas pedagógicas decoloniais: diálogos necessários entre escola e universidade na contemporaneidade”, com a seguinte programação: 1) apresentação da turma do 2º ano do fundamental organizada pela professora da escola com temas da África; 2) atividade de interação com as turmas do 8º ano (02 turmas) elaborada pelas alunas matriculadas na ACE, a partir de provérbios africanos selecionado da série documental “Sankofa”, disponível no youtube; 3) roda de conversa com professor convidado para tratar o tema África e suas contribuições nas religiões de matriz africana; 4) atividade de integração com professor convidado para tratar sobre a música africana e suas contribuições na cultura brasileira; 5) Entrega das bonecas Abayomi confeccionadas por nós e pela professora da turma de 2º ano da escola; e encerramento com lanche coletivo a partir de alimentos que representasse a culinária afro-brasileira.

Após a realização do seminário construímos uma reflexão e avaliação da atividade e consideramos as potencialidades e fragilidades, para em seguida elaborar o artigo que está sendo apresentado aqui, na perspectiva de compartilhar novas propostas de atividade didático-pedagógica que possa ficar disponível para as escolas que queiram trabalhar com essas temáticas, considerando os pontos que foram perceptíveis no desenvolvimento da interação com as escolas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A promoção da diversidade cultural nas escolas públicas do Brasil é uma questão fundamental para garantir uma educação inclusiva e que respeite a pluralidade de identidades presentes em nossa sociedade. Diversos estudiosos têm proposto estratégias e metodologias para trabalhar esse conceito de forma efetiva no ambiente escolar. A partir da nossa experiência durante o período da ACE, pudemos constatar que muitas dessas estratégias são fundamentalmente necessárias para garantir, além de uma boa compreensão dos conceitos, a valorização das múltiplas culturas dentro dos espaços educacionais.

A diversidade cultural é um dos pilares da identidade brasileira, refletindo a multiplicidade étnica, linguística e cultural presente em nosso país. No entanto, a promoção desse conceito nas escolas públicas enfrenta desafios, mas também oferece oportunidades para uma educação mais inclusiva e democrática. Diante disso, é crucial explorar propostas educacionais que valorizem e respeitem a diversidade cultural em todos os aspectos do ambiente escolar.

Diante da experiência vivenciada compreende-se que é essencial incorporar a diversidade cultural no currículo escolar de forma transversal e interdisciplinar. Autores como Paulo Freire (1987), Morin (2005), Gadotti (2004) defendem a interdisciplinaridade como uma estratégia eficaz para abordar questões sociais complexas, de maneira mais abrangente e significativa. De acordo com a abordagem interdisciplinar os estudantes podem compreender melhor as diferentes perspectivas culturais e desenvolver habilidades de análise crítica com base em uma forma dialética de pensar e de conceber os fenômenos sociais numa perspectiva histórica.

Além disso, a formação inicial e continuada dos professores desempenha um papel crucial na promoção da diversidade cultural nas escolas. Terezinha Rios (2019) enfatiza a importância de programas de formação que sensibiliza os educadores para as questões étnico-raciais e culturais, capacitando-os a lidar de forma eficaz com a diversidade presente em suas salas de aula.

Uma abordagem pedagógica centrada na valorização das culturas locais e tradicionais também é fundamental para promover a diversidade cultural. Stuart Hall (2016) destaca a importância de reconhecer e valorizar as identidades culturais das comunidades locais como parte integrante do processo educativo. Isso pode ser feito por meio da incorporação de atividades e projetos que valorizem as tradições culturais regionais.

Além disso, é crucial garantir que o material didático utilizado nas escolas seja diversificado e representativo das diferentes culturas presentes no Brasil. Ana Maria Gonçalves (2006) ressalta a importância de incluir obras de autores negros, indígenas e de outras minorias étnicas no acervo das escolas, proporcionando aos estudantes uma visão mais ampla e inclusiva da diversidade cultural brasileira.

A promoção de eventos culturais e atividades extracurriculares também desempenha um papel importante na valorização da diversidade cultural nas escolas. Sousa Santos (2013) destaca a importância desses eventos na promoção do diálogo intercultural e no fortalecimento dos laços comunitários. Festivais, exposições e feiras que celebram as diferentes culturas presentes na escola podem ajudar a criar um ambiente mais inclusivo e acolhedor para todos os estudantes.

Além disso, é essencial envolver a comunidade escolar e as famílias dos estudantes no processo de promoção da diversidade cultural. Libâneo (2018) ressalta a importância de parcerias entre escola, família e comunidade para criar um ambiente educativo mais colaborativo e participativo. Isso pode incluir a realização de atividades comunitárias, palestras e workshops que envolvam pais, mães e responsáveis no debate sobre diversidade cultural.

Por fim, é importante adotar uma abordagem crítica e reflexiva em relação à diversidade cultural, incentivando os estudantes a questionar estereótipos e preconceitos e a promover a tolerância e o respeito mútuo. Vera Maria Candau (2018) defende a importância de uma educação para a diversidade que estimule o diálogo, a empatia e a compreensão entre os diferentes grupos culturais presentes na sociedade brasileira.

Assim, a promoção da diversidade cultural nas escolas públicas brasileiras requer uma abordagem abrangente e sistêmica, que envolva não apenas a revisão curricular e a formação de professores focada em novas metodologias, mas também a criação de espaços de diálogo e valorização das diferentes culturas presentes em nossa sociedade. Somente através de propostas educacionais que valorizem e respeitem a diversidade cultural podemos construir uma sociedade mais justa, respeitosa, inclusiva e democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir a diversidade cultural no século XXI é um grande desafio, sobretudo, por vivermos um momento de muito retrocesso nas políticas voltadas para o currículo escolar, com alteração da carga horária e de temas voltados para a compreensão da formação humana. Com este trabalho, compreendemos a importância do tema a ser debatido e o quanto ainda precisa ser feito para combater o preconceito e o racismo estrutural presente em muitos espaços de formação.

Sendo assim, ao concluirmos nossa jornada na Ação Curricular de Extensão (ACE), fica evidente a importância de levar o conhecimento da universidade para além dos muros acadêmicos. Durante nossa experiência no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, foi possível perceber o impacto positivo que a ACE teve na comunidade local, especialmente ao explorar o conceito de diversidade cultural com turmas do 2º e do 8º ano do ensino fundamental, bem como a importância de abordagens focadas em promover a inserção da literatura infantil nos espaços escolares e não escolares. Foi enriquecedor ver como o conhecimento acadêmico pode ser transformador quando aplicado para minimizar problemas reais e contribuir para o desenvolvimento da sociedade.

Ao longo desse percurso, aprendemos que a diversidade cultural não é apenas um conceito abstrato, mas algo profundamente enraizado nas experiências e vivências de cada indivíduo. Ao levar obras e artistas de diferentes origens para compartilhar com as crianças, os adolescentes e professores da rede pública, foi possível ampliar os horizontes dos estudantes em formação no curso de Pedagogia e também de todos os

envolvidos, incentivando-os a enxergar para além da realidade imediata e a valorizar as diversas expressões artísticas e culturais presentes em nosso mundo.

É inspirador perceber como a diversidade cultural pode ser uma ferramenta poderosa para promover a inclusão e o respeito mútuo. Ao reconhecer e valorizar as diferentes identidades culturais presentes em nossa sociedade, podemos criar ambientes escolares mais acolhedores e estimulantes para todos os alunos, que potencialize sua origem e/ou sua história de vida.

Nossa experiência também nos mostrou que a promoção da diversidade cultural nas escolas públicas vai além do currículo formal. Envolver a comunidade escolar e as famílias dos alunos é fundamental para criar um ambiente educativo verdadeiramente inclusivo e participativo. Somente por meio de parcerias e diálogo podemos construir uma cultura de respeito e valorização da diversidade em nossas escolas.

Por fim, ao refletir sobre as possíveis futuras propostas de trabalho pedagógico, fica claro que a promoção da diversidade cultural nas escolas públicas brasileiras é um desafio constante que exige uma abordagem integrada, que compreenda a importância de uma pedagogia histórico-crítica nos termos de Saviani (1991). É preciso revisar os currículos, ampliar a formação continuada dos professores, promover eventos culturais com as escolas na perspectiva de compartilhar experiências e envolver a comunidade escolar em um esforço conjunto para criar ambientes educativos que valorizem e respeitem a diversidade cultural em todas as suas formas.

Nossa jornada na ACE foi enriquecedora e transformadora, e esperamos que as lições aprendidas e as reflexões compartilhadas possam inspirar outras iniciativas similares em todo o país. Ao unirmos teoria e prática, academia e comunidade, podemos construir um futuro mais justo, inclusivo e diversificado para todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Caderno de Extensão Universitária: Subsídios para a Formação de Educadores**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2001. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/extensao/cadernocaderno_de_extensao.pdf. Acesso em 10 de novembro de 2023.

CANDAU, Vera Maria. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1987.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PROETTI, Sidney. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: um estudo comparativo e objetivo. **Revista Lumen**, São Paulo, SP, Brasil, 2018. p.2. Acesso em: 27 jan. 2024.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2019.

SANTOS, Lucília Augusta Lino dos et al. **Extensão Universitária: Reflexões e Experiências**. Campinas: Editora Alínea, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Maurício. Dossiê: Relações étnico-raciais: práticas e reflexões pedagógicas em contextos, espaços e tempos. **Educação afrocentrada como pedagogia decolonial no contexto educacional brasileiro**. Revista Práxis, Ponta Grossa, v. 17, e19343, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.17.19343.075>. Acesso em 10 dez. 2023.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Reinventar a democracia**. Lisboa: Gradiva, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Pró-Reitoria de Extensão. **Guia Básico de Extensão Universitária**. Florianópolis: UFSC, 2016. Disponível em: https://proex.ufsc.br/files/2015/11/Guia_Basico_de_Extensao_2016.pdf. Acesso em 12 de novembro de 2023.